

Saberes esquecidos: corpo, tradição e meio ambiente nas comunidades brasileiras e latino americanas¹

Ana C. Zimmermann
Soraia Chung Saura

Escola de Educação Física e Esporte/Universidade de São Paulo

Resumo

Parece haver um entendimento de que a pandemia evidencia e potencializa problemas já existentes em nossa sociedade, em especial acerca de como percebemos e nos relacionamos com o ambiente e com os outros. A COVID-19 desencadeia uma crise que sugere um momento de escuta e reflexão no qual podemos identificar uma possível potência pedagógica. O objetivo deste artigo é destacar alguns saberes e conhecimentos, de certa forma negligenciados, e que podem, quiçá, nos auxiliar a repensar questões urgentes de nossa sociedade. Neste cenário, pretendemos enfatizar, a partir da experiência de comunidades brasileiras e também latino-americanas, nossa relação com a natureza, com o próprio corpo e com os saberes tradicionais. Destacamos sobretudo a capacidade de aprendermos nas relações com os outros, com o ambiente e com o conhecimento produzido a fim de repensarmos as humanidades existentes, sob a perspectiva de uma ética do cuidado.

Abstract

There seems to be an understanding that the pandemic highlights and enhances problems that already exist in our society, especially about how we perceive and relate to the environment and to others. COVID-19 unleashes a crisis that suggests a moment of listening and reflection in which we can identify a possible pedagogical power. The purpose of this article is to highlight some wisdoms and knowledges, somewhat neglected, which may, perhaps, help us to rethink urgent issues in our society. In this scenario, we intend to emphasize, based on the experience of Brazilian and also Latin American communities, our relationship with nature, with our own bodies and with traditional knowledge. We highlight above all the ability to learn in relationships with others, with the environment and with the knowledge produced in order to rethink the existing humanities, from the perspective of an ethics of care.

*“Como os índios vão fazer diante disso tudo?
Eu falei: Tem quinhentos anos que os índios estão resistindo.
Eu estou preocupado com os brancos,
como que vão fazer para escapar dessa?” (Krenak, 2019, 15)²*

Introdução

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou a COVID-19 uma pandemia. Essa classificação indica a propagação de uma doença infecciosa em vários locais do mundo ao mesmo tempo afetando um grande número de pessoas e assinala a necessidade de ação urgente (WHO, 2020). Naquela data 114 países reportavam casos desta infecção, sendo que 90% destes estavam concentrados em quatro países. Em maio do mesmo ano, a contaminação atinge 188 países e estima-se que mais da metade da população global estava sob rígidas circunstâncias de distanciamento

¹ Versão em Língua Portuguesa. O artigo original foi publicado em Francês.

² Comentário referente a episódios políticos no contexto brasileiro em 2018, com graves consequências a sobrevivência de grupos minoritários, a liberdade, e ao meio ambiente.

social (WHO, 2020; Institut Pasteur, 2020; Universidade John Hopkins, 2020)³. O contágio por COVID-19 tem seu primeiro epicentro na China, desloca-se para a Europa e demais regiões do planeta, apresentando dados devastadores posteriormente nos EUA e alguns países da América do Sul, especialmente no Brasil.

De acordo com o Secretario Geral das Nações Unidas (UN, 2020), a combinação da ameaça de contaminação e morte causados pela doença, associados ao impacto econômico e possibilidades de conflito sugerem que essa é a crise mais desafiadora desde a Segunda Guerra Mundial. Para a UN a resposta precisa ser forte e eficaz, e só é possível em solidariedade e com o entendimento de que a humanidade está em jogo.

Os apelos a reflexão acerca da humanidade tem se multiplicado durante a pandemia, potencializados pelas consequências das diferentes formas de isolamento implementadas. Os dados numéricos, curvas de evolução e gráficos de distribuição geográfica não fornecem todos os detalhes deste cenário, especialmente sobre como as diferentes comunidades são afetadas e buscam caminhos para enfrentar a crise. Como destaca Furedi (2020), tanto o impacto quanto o legado de um desastre tem relação com a forma como a sociedade enfrenta os desafios impostos. O sociólogo lembra os argumentos de Lowell Juilliard Carr ao justificar que um desastre é definido pelos seres humanos e não necessariamente pela natureza, destacando assim o papel da cultura, de novas lideranças que surgem neste cenário, das instituições, e das tomadas de decisões tanto no enfrentamento quanto na prevenção de crises como esta. Para o ambientalista e líder indígena brasileiro, da etnia Krenak, Ailton Krenak (2020), “Se essa tragédia serve para alguma coisa é mostrar quem nós somos. É para nós refletirmos e prestar atenção ao sentido do que venha mesmo ser humano. E não sei se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos. Tomara que não”

Parece haver um acordo no entendimento de que a pandemia potencializa os inúmeros problemas existentes em nossa sociedade, em especial acerca de como percebemos e nos relacionamos com o ambiente e com os outros. Essa situação nos leva a questionar nosso modo de vida e alienações quotidianas (Morin, 2020). Lilia Schwarcz (2020a) também destaca o potencial de reflexão e aprendizagem gerado pela crise atual que para ela, marca o fim do século 20, fazendo uma referência os estudos de Eric Hobsbawn sobre o século 19. Este é um século determinado pelo desenvolvimento tecnológico, que no entanto tem revelado seus limites frente a uma pandemia. A historiadora sugere maior atenção à solidariedade, à humanização das agendas, à necessidade de atualizarmos rotinas com outra temporalidade, de repensarmos os usos de espaços e aglomerações humanas. O cientista político

³ Os registros acerca desta infecção iniciam em dezembro de 2019, com um surto de pneumonia detectado em Wuhan, China. Em 9 de janeiro de 2020, a OMS anunciou oficialmente a descoberta de um novo coronavírus, chamado de SARS-CoV-2. Este novo vírus é responsável por uma doença respiratória infecciosa chamada Covid-19. Os dados acerca do número de pessoas infectadas, recuperadas ou falecidas em cada país tem sido atualizados a cada dia (Universidade Johns Hopkins, 2020) e revelam também seus aspectos econômicos e sociais.

Bertrand Badie (2020) afirma que a crise desencadeada pela Covid-19 evidencia a verdadeira face da globalização e “precisa abrir nossos olhos para a importância da dimensão social da mundialização”.

Então, o que podemos aprender com a pandemia? A própria pergunta sinaliza a busca por uma possível potência pedagógica nas tragédias. A forma como enfrentamos esse desafio indica como reconfiguramos a humanidade e como pensamos diferentes possibilidades de futuro. Entretanto, ao olhar mais atento causa estranheza o discurso de surpresa de alguns meios, tanto midiáticos quanto administrativos, frente a este colapso, assim como a tantos outros desastres que tem acontecido de forma localizada. Alertas sobre o esgotamento desta forma social de vida tem ocorrido em diversas frentes. O corpo tem dado sinais de esgotamento, as comunidades tradicionais também, do mesmo modo o meio ambiente, registrados tanto pela literatura quanto pela ciência. Por que não escutamos, ou não levamos à sério, as lições que a história, a ciência e a cultura tem nos apresentado? Fato é que a difusão de uma forma de verdade civilizatória ocidental guiou nossas escolhas em prol de uma noção de humanidade, de verdade e de justiça que tem sido questionada pelas diversas áreas da ciência e agora, encontra um ponto nevrálgico nesta pandemia. Lévi-Strauss (2012) em uma de suas palestras, refletiu sobre a perda de referência que a “civilização do tipo ocidental” sofre, sugerindo então alargarmos nossos olhares para outros modelos sociais existentes.⁴ Este é sobretudo um momento de escuta e reflexão para identificarmos o desafio que se apresenta em sua complexidade. Deste modo, o objetivo deste artigo é destacar alguns saberes e conhecimentos presentes na humanidade, pesquisados por este grupo brasileiro⁵ antes e durante o advento da pandemia, e que podem, quiçá, nos auxiliar a repensar questões de certa forma negligenciadas. Neste cenário, pretendemos enfatizar, a partir da experiência de comunidades brasileiras e também latino-americanas, nossa relação com a natureza, com o próprio corpo e com os saberes tradicionais. Destacamos sobretudo a capacidade de aprendermos nas relações com os outros, com o ambiente e com o conhecimento produzido a fim de repensarmos as humanidades existentes, sob a perspectiva de uma ética do cuidado.

Corpo: a luta pela respiração e os gestos de escuta

O Covid-19 ataca sobretudo as vias respiratórias. As pessoas seriamente atingidas precisam de auxílio

⁴ “Por muito tempo um ato de fé, a crença em um progresso material e moral votado a jamais se interromper sofre, assim, sua crise mais grave. A civilização de tipo ocidental perdeu o modelo que dera a si mesma, já não ousa oferecer esse modelo às outras. Portanto, não convém olhar para outros lugares, alargar os quadros tradicionais em que se fechavam nossas reflexões sobre a condição humana? Não devemos aí integrar experiências sociais mais variadas e mais diferentes das nossas, além dessas em cujo horizonte estreito por muito tempo nos confinamos? Posto que a civilização de tipo ocidental não encontra mais em seu próprio fundo com o que se regenerar e tomar novo impulso, pode ela aprender alguma coisa sobre o homem em geral, e sobre si mesma em particular, nessas sociedades humildes e por muito tempo desprezadas, que até época relativamente recente haviam escapado à sua influência?” (Lévi-Strauss, 2012, 11). Palestra proferida em 1986.

⁵ Grupo de Estudos Socioculturais da Escola de Educação Física e Esporte e da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/Brasil. Tem como temas de pesquisa fenômenos do corpo e do movimento humano a partir de uma perspectiva antro-filosófica. As temáticas partem de áreas como a Filosofia do Esporte e a Antropologia do Imaginário para debater temas como lazer, jogos tradicionais, esporte de aventura, dança, arte, corpo na educação, brincar, entre outros. <https://www.pulaeufeusp.com.br/>

artificial para manter a respiração até que o organismo consiga reagir. A rápida propagação e a necessidade de equipamentos por longo tempo para tratamento dos casos graves são os principais fatores que, combinados, exigem a tomada de medidas drásticas de isolamento. Milhares de pessoas em diferentes países entram em quarentena. Essa medida desencadeia uma série de outras preocupações com a saúde e assim muitos se dão conta do quanto somos corpo e relação. Pessoas vivendo em espaços pequenos, sem contato com qualquer área verde, sol, ar fresco, percebem de forma mais enfática a falta destas relações orgânicas. Buscam-se estratégias para manter a mobilidade e as práticas corporais possíveis: o corpo precisa respirar, o sangue circular, os músculos exercitarem suas forças. Isso entretanto não é suficiente, é preciso ainda encontrar formas de manter-se em relação com os demais. As formas de utilização das plataformas virtuais se multiplicam, mas chama atenção as variadas maneiras de comunicação que buscam a proximidade corporal. Em diferentes países pessoas cantam em suas sacadas, aplaudem coletivamente os serviços de saúde, conversam à distância, deixam mensagens em suas janelas, confraternizam à distância ao som musical. Olhar é tocar à distância (Merleau-Ponty, 1945), cantar e ouvir é compartilhar ondas sonoras carregadas de significado. Pequenos gestos de solidariedade amplificam a dimensão corporal mas também revelam o pertencimento a um mundo de contatos, a uma comunidade.

O filósofo Merleau-Ponty (1945) descreve a dimensão corporal como fonte primeira de sentido, ponto de referência do ser no mundo. A percepção se dá por exercício, não é uma habilidade determinada apenas geneticamente. Em nossas relações cotidianas exercitamos uma forma de ouvir, de olhar, e sobretudo de sentir-se mundo. Uma mudança de perspectiva exige portanto exercício. Esse entendimento se aproxima daquilo que as comunidades tradicionais tem lutado para preservar: o tempo da experiência sensível, necessário para qualquer relação de alteridade. Tal perspectiva não é, portanto, uma novidade descoberta pela filosofia ocidental, como salienta Irobi (2012, 275).

Devemos ter em mente que toda tradição de representação ritual e cerimonial africana, com toda sua música, dança, linguagem de percussão, arquitetura, canções, espetáculos, configurações espaciais, coreografias e máscaras, sempre foram fenomenologicamente transmitidas de geração a geração. Antes e depois da escravidão, estas transmissões foram veiculadas por meio da inteligência do corpo humano ao invés de vídeos, filmes ou letramentos tipográficos.

A corporeidade tem sido central em muitas culturas, dentre estas as afro-brasileiras, as indígenas e outras comunidades tradicionais a que temos acesso. Por comunidade tradicional compreendemos os “grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente.” (Diegues, 2000, 22). Essa noção se refere tanto a populações indígenas quanto a outras em intensa relação com o ambiente. No caso do Brasil especificamente, trata-se de um país com dimensões continentais, natureza exuberante e ainda preservada. Por conta destas características, há uma

diversidade de comunidades tradicionais, mais ou menos isoladas, que mantem seu modo de vida à revelia das imposições do sistema ocidental capitalista. São atualmente 206 grupos indígenas, distribuídos pelo território nacional. Além dos indígenas, são mais de 15 tipos de populações tradicionais (distribuídas em inúmeras comunidades) identificadas em diferentes biomas brasileiros. É notável a proteção ambiental que estas populações exercem sobre o ambiente, por sua completa interdependência.

Para a compreensão de interdependência é fundamental atentarmos para uma dimensão corporal por muitos esquecida na civilização ocidental. Nesta perspectiva, Andrieu, Nóbrega e Sirost (2018) tem chamado atenção para uma ecologia corporal, como uma prática que envolve nossa responsabilidade diária através de uma reflexão sobre nossos gestos, nossas escolhas de vida e suas consequências para os outros e para a natureza. Esta perspectiva sugere que a imersão na natureza nos auxilia a ecologizar nossos corpos por meio de uma interação profunda com o ambiente, sustentada nas noções de emersologia, uma ciência reflexiva nascida da emersão da sensibilidade viva em uma consciência do corpo vivido, proposta por Andrieu (2008–2011; 2016). A relação mais intensa e direta do corpo vivo com a natureza provoca uma sensação de pertencimento ao ambiente. Assim, praticantes de imersão em ambientes naturais começam a modificar sua compreensão do ecossistema e os modos de ação do corpo com base nessas experiências, questionando suas interações com o meio ambiente (Andrieu, 2008–2011). A vitalidade da natureza desperta para novas percepções corporais que permitem outra perspectiva em relação ao estilo de vida, modos de produção e consumo (Andrieu, Nóbrega e Sirost, 2018), apontando para modos de vida mais harmoniosos.

Cuidar de si mesmo, dos outros e do ambiente é uma ética concreta, tomando como parâmetro os valores fundamentais praticados por comunidades que não aderiram ao sistema produtivo dos grandes centros urbanos. Ouvir os chamados do corpo, abrir os olhos para as questões ambientais, perceber as dificuldades de uma humanidade que não se vê mais natureza, sensibilizar-se com a dor do outro são apelos direcionados às potências corporais que se expandem para uma situação global, sobretudo à forma como nos colocamos em relação. Nesta dimensão mais ampla, acompanhamos neste momento pessoas vivendo em situação de vulnerabilidade, nas quais condições rotineiras como lavar-se com água e sabão, e evitar o contato com muitas pessoas – as principais formas de evitar o contágio pelo COVID-19 - tornam-se mais difíceis. Água potável e ar respirável já são escassos. O filósofo e historiador Mbembe (2020), reflete sobre a asfixia que se impõe ao planeta e chama atenção para a violência e a toxidade, que se exprime por modos moleculares, químicos, radioativos e atacam corpos vivos expostos à exaustão do sistema produtivo. A considerar os índices de envenenamento e esgotamento tanto humanos quanto ambientais, não seria a dificuldade de respirar ocasionada pela Covid-19 apenas um indicativo do que se passa no planeta de forma mais ampla? Mbembe (2020) fala de um direito universal à respiração, que se estende ao vivo em sua totalidade. Para isso é preciso

compreender a respiração, para além dos aspectos puramente biológicos. Recoloca então o problema em outra dimensão, ampliando o olhar para tudo o que “confinou segmentos inteiros de populações e raças inteiras a uma respiração difícil, ofegante, a uma vida pesada” (Mbembe, 2020)⁶. Condições de negligência à vida são identificadas em várias regiões do planeta e questionam nossas noções de humanidade. Escutar, portanto, o corpo, o outro e o ambiente já era premente antes do advento desta pandemia.

As relações com o ambiente e os saberes tradicionais e as práticas corporais

Seguindo a linha de raciocínio de Lévi-Strauss, Krenak questiona o projeto de colonização baseado na premissa de uma humanidade esclarecida que vai ao encontro de uma humanidade obscurecida para transmitir sua luz (2019). Esta racionalidade tem sustentado a alienação em relação a natureza, ao passado, aos coletivos. “Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, da existência e de hábitos” (Krenak, 2019, 12). Krenak fala em defesa de uma cosmovisão dos povos originários na qual a diversidade e a integração entre os diversos seres da natureza conferem sentido à vida. Por outro lado, a partir do momento em que passamos a entender a natureza apenas como recurso a ser utilizado, transformamos vida em objeto de consumo, orientando desejos e imaginários coletivos. Aqueles que mantêm outra cosmovisão, e rejeitam esta proposta de civilização, de técnica e controle, são ameaçados constantemente por epidemias, fome, pobreza, e outras formas de violência. Para Krenak (2019, 33) é preciso uma ruptura na perspectiva antropocêntrica: “Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como ‘natureza’, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela”. Neste sentido, alteridade é um conceito que vai em direção ao estar no mundo de maneira crítica e consciente, ser capaz de experimentar o prazer de estar vivo e recuperar o sentido de viver em sociedade. Krenak (2018) destaca o movimento de “florestania”, contrapondo a ideia de cidadania vinculada à estrutura das cidades na regulamentação de espaços e relações. Trata-se de alargar o exercício da cidadania de forma a alcançar a ideia inventiva dos povos da floresta, em defesa de territórios e biodiversidade. Ele evoca assim a potência do sujeito coletivo para recuperar e construir outras formas de viver em comunidade, reproduzir vida e cultura.

É fundamental reconhecermos que elementos naturais e culturais estão interconectados e nossa vulnerabilidade, bem como nossa força, correspondem à forma como vivemos em sociedade. As

⁶ Parece emblemático neste contexto os assassinatos por asfixia em decorrência de violência policial de caráter racista. “Eu não consigo respirar”: as palavras de George Floyd assassinado em 25 de maio de 2020 (Minnesota, USA), denunciam um *modus operandi* registrado em vídeos, em tantos outros casos tais como o de Eric Garner, que repetiu 11 vezes a mesma frase em 2014 antes de morrer (BBC Brasil, 2020, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52832621>) e do brasileiro Pedro Gonzaga, também morto por sufocamento, por um segurança de supermercado em 2019, no Rio de Janeiro (Agência Brasil, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-02/vigilante-de-supermercado-mata-jovem-por-sufocamento-no-rio>). “I can’t breathe” tornou-se emblema em protestos contra a brutalidade policial contra afrodescendentes.

pesquisas acerca das mudanças climáticas por exemplo tem levantando esta questão de forma intensiva nas últimas décadas (Patz et al 2003). Cientistas também tem alertando sobre as possibilidades de pandemia causadas por novos vírus há muitas décadas (Lederberg, 1993; Henig, 1994; Garrett, 1995; Patz et al 2003). Muitas são as razões sobre o porquê apresentamos uma resposta coletiva tão lenta a estes diversos avisos, inclusive a crises anteriores a esta pandemia. Em especial, existe um sentimento de fracasso com o outro que não julgamos tão próximo considerando que os recentes surtos afetaram principalmente regiões mais remotas dos poderes hegemônicos do ocidente (Henig, 2020). É o caso de populações indígenas da América do Sul, por exemplo, constantemente devastadas por doenças infecciosas trazidas por não-indígenas (Amigo 2020; Serva 2020), que no entanto, secularmente se valeram de estratégias de distanciamento social para a sobrevivência de suas populações. O que se torna mais evidente na atual situação de vulnerabilidade ao COVID-19 são as insuficiências de nossas humanidades: desigualdades sociais, sistemas de saúde pública exíguos, condições sanitárias inadequadas, uma realidade insustentável de produção e consumo, negligência ecológica, desrespeito a comunidades e saberes tradicionais.

O movimento pela decolonização do conhecimento em favor dos saberes múltiplos busca justamente recuperar esses conhecimentos, advindos de humanidades negligenciadas, porém com alta produção de tecnologia sustentável, recolocando-as no cenário dos saberes que precisam ser compartilhados. Assim, as epistemologias do Sul (Santos, 2019) apontam para os saberes tradicionais, orais, perceptivos, e para a primazia dos sentidos na produção de saberes.

No âmbito das práticas corporais muitas são as possibilidades de estudo que sinalizam para um saber corporal sensível para outras temporalidades e espacialidades (Nóbrega, 2018; Andrieu, 2020). Em pesquisas realizadas durante o isolamento na pandemia sobre o brincar de crianças no interior de suas casas⁷, a hipótese girava em torno de uma situação mais penosa por parte das infâncias em confinamento. Mas o que se tem observado, mesmo em sua diversidade socioeconômica e cultural é que as crianças, elas também, estavam necessitadas de tempos de respiro em suas agendas, tão atribuladas quanto a dos adultos. Temos visto como estão contentes por poder estar com suas mães, pais, irmãs e irmãos por um longo período, ainda que isso inclua estar longe dos amigos e da escola. Também, de posse dessas inter-relações familiares, observa-se como têm sido produtoras de um brincar criativo, só possível diante de um tempo estendido. A partir de momentos de ócio, valem-se dos materiais e dos espaços possíveis, criando seus brinquedos e brincadeiras e indagando sobre as coisas do mundo. Atitudes esquecidas como realizar as três refeições diárias em família foram também surpreendentes para as crianças, assim como o aguçamento da percepção de tempo, espaço, corpo e eventos naturais ao redor, ainda que sejam de pequenas proporções, como observar uma planta

⁷ Pesquisa em andamento sobre o Brincar nas Cidades, em parceria com o Projeto Território do Brincar, Brasil. Disponível em <https://territoriodobrincar.com.br/>

crescendo em um pequeno vaso. Destes brincades e percepções corporais, surgem questionamentos ontológicos sobre a existência. Frequentemente em seus repertórios brincam sobre novas formas de vida possíveis, neste e em outros planetas, mostrando a capacidade de resiliência das gerações mais novas. Não à toa, para as comunidades tradicionais, as crianças estão integradas às atividades cotidianas, tanto aprendendo com os gestos, quanto ouvidas, por trazerem o novo.

Em nossas pesquisas sobre os Jogos Tradicionais oriundos de comunidades tradicionais, percebemos também que valores fundamentais de cuidado estão em evidência nestas práticas corporais (Zimmermann e Saura, 2014; Saura, Matta e Zimmermann, 2018). Ao invés de reforçarem o mérito individual e outros valores do homem burguês tão presentes no esporte moderno, os jogos tradicionais atuam com princípios de coletividade, aproximação entre gerações, valorização da diversidade, integração e respeito ao ambiente. Essas perspectivas mostram diferentes possibilidades de ser com os outros.

Considerações éticas: o cuidado e o respeito

Reconhecemos então que ainda não acessamos saberes e conhecimentos disponíveis com a atenção necessária para nos responsabilizarmos pelos nossos atos, em relação ao ambiente e, em última instância, à vida no planeta. A crise gerada por uma pandemia expõe nossa vulnerabilidade corporal mas sobretudo social, amplificando a desigualdade dentro e entre países (Kluth, 2020; Santos, 2020). O isolamento e o exílio que a maioria das pessoas sente durante o isolamento da quarentena pandêmico reflete o sentimento de muitos grupos vulneráveis ao abandono constante. A situação de negligência tanto social quanto ambiental mostra como fracassamos como humanidade e anuncia a necessidade de uma mudança radical no âmbito das relações.

Neste contexto, é possível extrairmos uma potencia pedagógica desta pandemia? Alguns pensadores afirmam que as dimensões desta crise são sinais claros de que precisamos ações globais urgentes e que a crise atual teria essa potência de golpe (Zizek, 2020). Outros não são tão otimistas, o estado de exceção que se instaura neste momento pode se tornar a regra abrindo espaço para governos totalitários e processos de exclusão e controle ainda mais potentes sustentados pela biopolítica. O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2020) enfatiza que o vírus não tem força suficiente para gerar uma revolução, e uma mudança de comportamento precisaria ocorrer a partir da reflexão humana frente às consequências de um capitalismo destrutivo. Na mesma direção Mbembe (2020) ressalta que a interrupção gerada pelo Covid-19 não é voluntária, e que precisamos de uma ruptura consciente e plenamente consentida, produto de uma imaginação radical. No cenário da pandemia é possível identificar grupos mais privilegiados que tem condições de refletir e explorar novas possibilidades nas relações de cuidado, e outros em situação de vulnerabilidade e sofrimento sem qualquer condição de

ter algum retorno positivo desta crise (Schwarcz, 2020b), e outros ainda que estão apenas esperando para seguir no mesmo ritmo.

O sentimento de desamparo gerado na pandemia desloca o foco para a importância do cuidado, e a pergunta sobre o que entendermos por humanidade. O ser humano genérico não existe sob a perspectiva da cultura e a ideia de que frente a crises como essa “estamos todos no mesmo barco” é, neste sentido questionada. Pelos motivos elencados anteriormente, somos humanidades que se mantêm de formas diferentes umas das outras. Dos paradigmas gerados pelas sustentáveis comunidades tradicionais, temos o isolamento social como estratégia ancestral de sobrevivência de etnias e populações inteiras (Pontes, 2020). A noção de cuidado e bem comum é amplamente desenvolvida nestas culturas – e podemos aqui mencionar por exemplo, o respeito irrestrito aos idosos, que nestas comunidades são os verdadeiros guardiões e guardiãs dos saberes acumulados geração após geração, depositários da memória destas populações, ligando os aprendizados do passado a prognósticos futuros. Nelas, dificilmente, o jovem teria prioridade em relação ao idoso, como tem sido difundido irrestritamente no caso desta pandemia e no nosso modelo social. No que tange a cultura acadêmica, as noções de uma ética de cuidado tem sido levantada sobretudo pelos estudos feministas. Para a antropóloga Débora Diniz (2020), o mundo pós-pandemia poderia ter valores feministas mais presentes no cotidiano e negociações políticas, em busca de mecanismos coletivos de amparo. Neste sentido, as mulheres sempre souberam que sobrevivência depende de interdependência, e esfera do cuidado tem sido predominantemente ocupada pelas mulheres ao longo da história. Durante a pandemia isso fica ainda mais evidente (Pisani, 2020). Além do cuidado na esfera familiar em todos os âmbitos, as mulheres representam aproximadamente 70% da força de trabalho na área de saúde, entre médicas, enfermeiras, técnicas de enfermagem e agentes de saúde, em escala global (Gupta, 2020). As mulheres não só assumem esse papel do cuidado como também estão mais expostas aos riscos⁸.

A ética do cuidado oferece uma abordagem potente para pensarmos essa mudança de perspectiva. Essa abordagem foi ouvida como uma “voz diferente”, de acordo com uma de suas precursoras Carol Gilligan, principalmente porque uniu pensamento e emoção, o “eu” com os relacionamentos, porque é uma proposta incorporada, localizado no tempo e no espaço (Gilligan, 2014, 89). De acordo com Held (2006) as características principais desta ética são: atenção às necessidades das pessoas pelas quais assumimos responsabilidade; valorização das emoções como simpatia, empatia, sensibilidade e capacidade de resposta; questionamento sobre os limites de aplicabilidade das regras universais e abstratas das teorias morais dominantes; problematização das

⁸ A interseccionalidade revela dados mais tristes quando cruzamos as informações entre raça e classe. O primeiro caso oficial de morte por Covid-19 no Brasil foi de uma trabalhadora doméstica que cuidava de sua empregadora que estava em quarentena, diagnosticada com Covid-19 após retornar de viagem à Itália. Caso emblemático da situação de desamparo de um grande grupo de trabalhadoras na América Latina que desempenham trabalhos domésticos ou informais (Diniz e Carino, 2020).

noções tradicionais sobre o público e o privado; abordar questões morais que surgem nas relações entre desiguais e dependentes; e a concepção de pessoas como relacionais e interdependentes moral e epistemologicamente, e não como indivíduos independentes e autossuficientes. Trata-se de uma ética fortemente influenciada pelo feminismo e que não se enquadra nas categorias tradicionais de filosofia, pois questiona a noção de universalidade e amplia as fronteiras convencionais da discussão (DesAutels e Waugh, 2001). A ética do cuidado não exclui a ética da justiça e atua em comunhão com esta. Mas para além dos princípios de igualdade e individualidade, suas decisões estão baseadas no bem comum, como nas comunidades tradicionais que inspiram este texto.

Um perigo ético em uma pandemia é esquecer a natureza única dos indivíduos e considerá-los apenas como parte de um sistema. A pandemia do COVID-19 resultou em um número significativo de infecções, hospitalizações e mortes em todo o mundo (Universidade Johns Hopkins, 2020). Entretanto, as pessoas não são meras estatísticas e a vida humana não deve ser medida em tabelas ou gráficos. Especulações sobre números aceitáveis daqueles perdidos para a pandemia não têm sentido quando pensamos nessas pessoas, seu lugar na vida de uma comunidade e o que poderíamos ter feito para que essas perdas fossem evitadas. A ética do cuidado valoriza os laços que temos com outras pessoas e os relacionamentos reais que contribuem para a nossa identidade.

Durante a pandemia observamos muitos gestos de cuidado que mostram que a distância física não significa necessariamente isolamento social, à medida que os indivíduos estendem sua corporalidade ao alcançar o outro (Merleau-Ponty, 1945). A esperança é alcançada por gestos de solidariedade em iniciativas de cuidado em diferentes partes do mundo (Broom, 2020) e, especialmente, em comunidades brasileiras (Amparo, 2020). Com ausência de políticas públicas para as comunidades urbanas, que são formadas por bolsões de trabalhadores informais com estrutura precária, elas organizaram-se por si, reproduzindo o modelo de comunidades tradicionais. Paraisópolis, uma das maiores favelas da cidade de São Paulo, com 100 mil pessoas espremidas em barracos, criou, a partir de sua Associação de Mulheres, lideranças responsáveis por monitorar 50 famílias e seus sintomas, passando por ações educativas, de combate à fome, de atenção aos idosos e à infância.

Esta ética do cuidado foca na atenção, confiança, capacidade de resposta às necessidades, solidariedade, preocupação mútua, nuances narrativas e o no cultivo de relações de cuidado (Held, 2006). A discussão acerca dos direitos humanos universais em organismos internacionais como as Nações Unidas ou suas agências como a UNESCO (UNESCO, 2015; Have, 2006) deve certamente ser respeitada e aprimorada. Entretanto essa discussão, para ser de fato ética, precisa envolver as pessoas e grupos em diferentes esferas, com respeito aos diversos saberes e modos de vida. Precisamos portanto ampliar o diálogo ético, de forma de forma inclusiva, sensível e respeitosa, para que possamos construir coletivamente possibilidades de ação para além da institucionalização de procedimentos.

Considerações finais

É fundamental aceitarmos nossa responsabilidade pelo cuidado com os outros e com o ambiente, compreendendo nosso pertencimento a esse sistema orgânico de inter-relações. Compreendemos com a pandemia a necessidade de uma reflexão engajada que inclua diferentes noções de humanidade para a elaboração de protocolos mais voltados para uma ética do cuidado, que incluam os feminismos, a florestania, as relações de alteridade, o respeito a temporalidade da vida, o reconhecimento de pequenos grupos, a escuta do corpo e de valores fundamentais dos povos da floresta e das populações tradicionais. Todas as formas de cuidar se alimentam entre si.

A aprendizagem que propomos está portanto não necessariamente na ordem do conteúdo, mas nos modos de ser e estar com os outros, com o ambiente, de reconhecer e incorporar saberes que aproximam-se da esfera do cuidado. Esta é uma mudança radical de perspectiva em um momento no qual metáforas bélicas ou apocalípticas marcam fortemente os discursos de enfrentamento da crise e indicam uma forma hegemônica de encarar problemas. Talvez pudéssemos então enfatizar a ecologia corporal, as ações fundamentadas no conhecimento científico interdisciplinar e nos saberes tradicionais. O diálogo atento entre os saberes do corpo, das comunidades tradicionais, e os conhecimentos da ciência pode nos auxiliar a reposicionar nossa perspectiva frente aos desafios que enfrentamos. Essa aprendizagem se dá no próprio diálogo, exercício de escuta e reflexão. Trata-se sobretudo, de um movimento sensível, à favor da vida, tal qual a própria respiração.

Referências

- Amigo, I. (2020). “For Brazil’s Indigenous communities, pandemic revives memories of earlier plagues.” *Science*, 15 avril. https://www.sciencemag.org/news/2020/04/brazil-s-indigenous-communities-pandemic-revives-memories-earlier-plagues?utm_campaign=news_daily_2020-04-15&et rid=650565291&et cid=3287295#. Accessed 20 April 2020. doi:10.1126/science.abc2772
- Amparo, T. (2020). “Do que é feita a esperança em tempo de pandemia.” *Folha de São Paulo*, 04 de maio. Acesso em 04 de maio de 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/thiago-amparo/2020/05/do-que-e-feita-a-esperanca-na-pandemia.shtml>.
- Andrieu, B. (2008–2011). *L’écologie corporelle* (4 tomes). Biarritz: Atlantica.
- Andrieu, B. (ed.) (2020). *Manuel d’émersiologie. Apprends le langage du corps*. Paris: Éditions Mimésis.
- Andrieu, B. (2016). *Sentir son corps vivant. Emersiologie 1*. Paris: Vrin.
- Andrieu, B., T.P. Nóbrega and O. Sirost. 2018. Body Ecology: a new philosophy through cosmotomic emersiologie. *Acta Universitatis Carolinae Kinanthropologica*, 54 (1): 17-24. doi:<https://10.14712/23366052.2018.2>
- Badie, B. (2020). “Os profetas do neoliberalismo viraram promotores da economia social. É preciso voltar aos imperativos sociais.” *El País*. 06 de abril de 2020. <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-04->

Zimmermann, Ana Cristina; Chung Saura, Soraia. « Les savoirs oubliés : corps, tradition et l'environnement dans les communautés brésiliennes et latino-américaines », *Recherches & éducations* [En ligne], HS | Juillet 2020. URL : <http://journals.openedition.org/rechercheseducations/9147>

06/bertrand-badie-cientista-politico-a-acao-da-oms-se-reduz-a-ler-um-comunicado-todas-as-noites.html.

Broom, D. (2020). “A pandemic of solidarity? This is how people are supporting one another as coronavirus spreads.” *World Economic Forum*. 16 de março. Acesso em 06 de maio, 2020. <https://www.weforum.org/agenda/2020/03/covid-19-coronavirus-solidarity-help-pandemic/>

DesAutels, P; Waugh, J. eds. (2001). *Feminists Doing Ethics*. Lanham, Md.: Rowman and Littlefield.

Diegues, A.C. (Org.) (2000). *Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil*. São Paulo: NUPAUB, PROBIO-MMA.

Diniz, D. (2020). “Mundo pós-pandemia terá valores feministas no vocabulário comum.” *Folha de São Paulo*. Entrevista realizada por Ursula Passos. 6 de abril de 2020. Acesso em 16 de abril, 2020. https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/mundo-pos-pandemia-tera-valores-feministas-no-vocabulario-comum-diz-antropologa-debora-diniz.shtml?fbclid=IwAR3xgGAHpVniQTA8wmDnszhK-jcDDmIk9e_OKFizGeW_DIbyJZ4Y82POE

Diniz, D.; Carino, G. (2020). “Patroas, empregadas e coronavírus.” *El País*. 21 março. <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-03-21/patroas-empregadas-e-coronavirus.html>

Furedi, F. (2020). “A disaster without precedent: Covid-19 is a huge blow to humanity, but it need not break the human spirit.” *Spiked*, 20 Março 2020. <https://www.spiked-online.com/2020/03/20/a-disaster-without-precedent/>

Garrett, L. (1995). *The Coming Plague: Newly Emerging Diseases in a World Out of Balance*. New York: Penguin Books.

Gilligan, C. (2014). “Moral Injury and the Ethic of Care: Reframing the Conversation about Differences.” *Journal of Social Philosophy*, 45 (1) 89–106.

Gupta, A.H. (2020). “Why Women May Face a Greater Risk of Catching Coronavirus.” *The New York Times*. 12 de março. https://www.nytimes.com/2020/03/12/us/women-coronavirus-greater-risk.html?mc_cid=719f7558b4&mc_eid=6bbf508b86

Han, B-C. (2020). “O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han.” *El País*. 23 de março. <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>

Have, H. ten. (2006). “The Activities of UNESCO in the Area of Ethics.” *Kennedy Institute of Ethics Journal* 16 (4): 333–351.

Held, V. (2006). The ethics of care. In Copp, C. (Ed.), *The Oxford handbook of ethical theory* (pp.537-567). Oxford: Oxford University Press.

Henig, R. M. (1994). *A dancing matrix: how science confronts emerging viroses*. New York: Vintage.

Henig, R. M. (2020). Experts warned of a pandemic decades ago. Why weren't we ready? *National Geographic*, 8 abril. <https://www.nationalgeographic.com/science/2020/04/experts-warned-pandemic-decades-ago-why-not-ready-for-coronavirus/>

Institut Pasteur. (2020). *Covid-19 Disease (Novel Coronavirus)*. <https://www.pasteur.fr/en/medical-center/disease-sheets/covid-19-disease-novel-coronavirus>

Irobi, E. (2012). O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. *Projeto História*, São Paulo, 44, pp. 273-293. <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/9857/9824>

Kluth, A. (2020). This pandemic will lead to social revolutions. *Bloomberg Opinion*. 11 Abril. <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2020-04-11/coronavirus-this-pandemic-will-lead-to-social-revolutions>

Zimmermann, Ana Cristina; Chung Saura, Soraia. « Les savoirs oubliés : corps, tradition et l'environnement dans les communautés brésiliennes et latino-américaines », *Recherches & éducations* [En ligne], HS | Juillet 2020. URL : <http://journals.openedition.org/rechercheseducations/9147>

Krenak, A. (2018). La Puissance du Sujet Collectif - Partie II. Entrevista par Jailson de Souza e Silva. *Revue Periferias*. v.1, n.1, 2018. Le Paradigme de la Puissance. <https://revistaperiferias.org/fr/materia/ailton-krenak-la-puissance-du-sujet-collectif-partie-ii/?ided=2224>

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia da Letras.

Krenak, A. (2020). "O modo de funcionamento da humanidade entrou em crise". Entrevista realizada por Berta Maakaroun. *O Estado de Minas*. 03 de abril. https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/04/03/interna_pensar,1135082/funcionamento-da-humanidade-entrou-em-crise-opina-ailton-krenak.shtml

Lederberg, J. (1993). Viruses and humankind: intracellular symbiosis and evolutionary competition. In Morse, S.S (Ed.), *Emerging Viruses* (pp.3-7). Oxford: Oxford University Press.

Levi-Strauss, C. (2012). *A Antropologia diante dos problemas do mundo moderno*. São Paulo: Cia das Letras.

Mbembe, A. 2020. Le droit universel à la respiration. *AOC*. 06 de abril. <https://aoc.media/opinion/2020/04/05/le-droit-universel-a-la-respiration/>.

Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la Perception*. London: Routledge.

Morin, E. (2020). "Cette crise nous pousse à nous interroger sur notre mode de vie, sur nos vrais besoins masqués dans les aliénations du quotidien." *Le monde*. 19 de abril de 2020. https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/04/19/edgar-morin-la-crise-due-au-coronavirus-devrait-ouvrir-nos-esprits-depuis-longtemps-confines-sur-l-immediat_6037066_3232.html

Nações Unidas (UN). (2020a). *Transcript of UN Secretary-General's virtual press encounter to launch the Report on the Socio-Economic Impacts of COVID-19*. 31 Março 2020. <https://www.un.org/sg/en/content/sg/press-encounter/2020-03-31/transcript-of-un-secretary-general%E2%80%99s-virtual-press-encounter-launch-the-report-the-socio-economic-impacts-of-covid-19>

Nóbrega, T. P. (ed.) (2018). *Estesia: corpo, fenomenologia e movimento*. São Paulo: LiberArs, 2018.

Pontes, F. (2020). Indígenas reforçam modo de vida tradicional para combater pandemia da covid-19. 24/05. *Mídia Ninja*. <https://midianinja.org/news/indigenas-reforcam-modo-de-vida-tradicional-para-combater-pandemia-da-covid-19/>

Patz, J. A.; Githeko, A. K.; McCarty, J. P.; Hussein, S.; Confalonieri, U; and N. de Wet. (2003). Climate change and infectious diseases. In McMichael A. J. et al. (Ed.), *Climate change and human health: risks and responses* (103-127). Geneva: World Health Organization,.

Pisani, M.S. (2020). O enfrentamento e a sobrevivência ao Coronavírus também precisa ser uma questão feminista! *Portal das ciências sociais brasileiras*. Boletim n.12. <http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2323-boletim-n-12-o-enfrentamento-e-a-sobrevivencia-ao-coronavirus-tambem-precisa-ser-uma-questao-feminista>

Santos, B. de S. (2019) O fim do império cognitivo, a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica.

Santos, B. de S. (2020). *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Edições Almedina.

Saura, S.C., Matta P. and Zimmermann A.C. (2018). Os jogos tradicionais e o lazer: apontamentos para uma cultura da paz a partir da perspectiva da fenomenologia da imagem e do imaginário. In: Almeida, R. and Hernando Pérez T. (eds) *Cultura da paz e educação latino-americana*. São Paulo: FEUSP, pp. 163-179.

Schwarz, L. (2020a). "Cem dias que mudaram o mundo. Entrevista realizada por Camila Brandalise e Andressa Rovani." *Universa*. <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/coronavirus-100-dias-que-mudaram-o-mundo/#tematico-3>

Zimmermann, Ana Cristina; Chung Saura, Soraia. « Les savoirs oubliés : corps, tradition et l'environnement dans les communautés brésiliennes et latino-américaines », *Recherches & éducations* [En ligne], HS | Juillet 2020. URL : <http://journals.openedition.org/rechercheseducations/9147>

Schwarcz, L. (2020b) “Combinação de pandemia e governos autoritários no mundo é preocupante.” *BBC Brasil*. Entrevista realizada por Ligia Guimarães. 19 Maio. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52682049>

Serva, L. (2020). “Xingu fecha fronteiras para evitar chegada do coronavírus.” *El País*. 18 de abril. Available in <https://arte.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/sebastiao-salgado/alto-do-xingu/xingu-fecha-fronteiras-para-evitar-chegada-do-coronavirus/>.

UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization). 2015. *Rethinking Education: Towards a Global Common Good*. Paris: UNESCO. Acesso em 20 de abril de 2020. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232555>.

University Johns Hopkins. “Coronavirus (COVID-19) information and updates.” 21 April 2020. Acesso em 21 de abril de 2020. <https://www.hopkinsmedicine.org/coronavirus>.

WHO (World Health Organization) 2020. “Coronavirus disease (COVID-2019) situation reports.” Acesso em 20 de abril de 2020. <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports>.

Zimmermann, AC, Saura, SC (2014). *Jogos Tradicionais*. São Paulo: Editora Laços.

Zizek, S. (2020). “Um golpe como “Kill Bill” no capitalism.” In Davis, Mike, et al (Ed.), *Coronavírus e a luta de classes* (43-47). Terra sem Amos: Brasil.